

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 11): Uma Avaliação da Interpretação do Mito Hebraico Monoteísta

Seção 09 / Aula 11

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 16/05/2026, 07:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: Abril 10, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

O sentido técnico de mito

Hoje queremos nos voltar para uma avaliação do que estou chamando de interpretação mítica hebraica monoteísta de Gênesis 1. Vocês se lembrarão de que concluímos da última vez dizendo que a questão levantada pelo livro de Soden e Miller é se Gênesis pertence ou não ao gênero literário do mito, como pertencem os mitos egípcios da criação. A diferença entre eles estaria não em seu gênero literário, mas, antes, em sua teologia. Em contraste com os mitos egípcios politeístas, nesta visão Gênesis é um mito hebraico monoteísta. O que poderíamos dizer a título de avaliação desta visão? A exploração desta questão exige que digamos uma palavra sobre a natureza ou o caráter do mito. O estudioso bíblico J. W. Rogerson observa que hoje a gama de significado da palavra “mito” é tão ampla que ele diz que “a palavra dificilmente pode ser usada erroneamente!” Por exemplo, em 4 de abril de 2019, eu vi uma manchete da Reuters que dizia: “Grande estudo desmascara mito de que beber moderadamente pode ser saudável.” Aqui está o entendimento popular da palavra “mito” como significando uma falsidade.

Isso leva o eminente folclorista Alan Dundes a exclamar: “Nada enfurece mais um folclorista do que ouvir um colega do departamento de antropologia ou literatura usar a palavra mito para se referir a qualquer coisa, desde uma declaração errônea até um tema arquetípico.” Antes, desde a obra inovadora de Jacob e Wilhelm Grimm (os famosos Irmãos Grimm que vocês conhecem por seu estudo dos contos de fadas) há três tipos de narrativa que são estudados por estudantes de folclore, a saber: mitos, contos populares (nós frequentemente os chamamos de contos de fadas, mas eles não são todos realmente sobre fadas), e lendas. Contos populares são narrativas em prosa que, na sociedade em que são contadas, são consideradas ficção. Os eventos que elas relatam podem ou não ter acontecido. Elas não devem ser tomadas seriamente como dogma ou como história. Elas geralmente narram as aventuras de personagens animais ou humanos e podem se situar em qualquer tempo, em qualquer lugar. Um bom exemplo de conto popular seria a história de “Chapeuzinho Vermelho” ou “João e Maria.” Em contraste com isso, lendas se situam em um tempo que é menos remoto do que os mitos.

Nas lendas, o mundo era, em grande medida, então como é hoje. Elas são mais frequentemente seculares do que sagradas, e seus personagens principais são meramente seres humanos. Um bom exemplo de lendas seriam as histórias de “Robin Hood”, que têm alguma base na história mas agora acumularam histórias sobre essa pessoa histórica que não são consideradas

historicamente confiáveis. Finalmente, segundo Dundes, mitos são narrativas sagradas que explicam como o mundo e o homem vieram a ser em sua forma presente. Como isso é tão importante, deixem-me repetir essa caracterização. Mitos são narrativas sagradas que explicam como o mundo e o homem vieram a ser em sua forma presente. Algumas características dessa caracterização desarmantemente simples merecem comentário. Primeiro, notem, nesta definição, que um mito é uma composição linguística, seja oral ou literária. Em contraste com a linguagem comum, então, os especialistas não tomam a palavra “mito” como sinônima de falsidade. Tampouco usam a palavra “mito” no sentido popular para se referir a algum tipo de ideia como “o mito do nobre selvagem” ou “o mito do homem que se fez por si mesmo.” Antes, um mito é uma coisa composta de palavras.

É uma composição linguística. Em segundo lugar, é uma narrativa. Isto é, é uma história que envolverá personagens e uma linha de enredo. Um mito descreve uma sequência de eventos. Em terceiro lugar, é uma narrativa sagrada. Isto é, tem significado religioso na cultura em que é acolhida. Isso implica que terá algo a ver com divindade como uma de suas figuras principais. Serão histórias sobre Deus ou deuses. Em quarto lugar, presume-se que seja uma narrativa tradicional, uma que é transmitida ao longo das gerações. Não é uma composição livre recente. Consequentemente, poderíamos melhorar a caracterização de Dundes tornando explícita essa pressuposição: um mito é uma narrativa tradicional e sagrada. Finalmente, um mito procura explicar realidades presentes ancorando-as no passado, entendido como significando o passado pré-histórico. A origem do mundo e da humanidade são apenas dois exemplos de tais realidades presentes, e a lista poderia ser ampliada.

Essa característica-chave dos mitos é chamada pelos especialistas de “etiologia.” Ela vem da palavra grega *aitia*, que significa “causa.” Mitos são caracterizados por motivos etiológicos em que alguma realidade presente (uma característica natural do mundo, ou uma prática religiosa, ou a humanidade, ou algo desse tipo) será explicada traçando suas origens até essa era pré-histórica. Essa presença de motivos etiológicos é uma marca distintiva-chave dos mitos. Agora, há alguma pergunta ou comentário sobre esta diferenciação entre contos populares, lendas e mitos?

Perguntas sobre mito, lenda e narrativa

Aluno: Uma coisa que eu sempre entendi mal quando se tratava de mitos era que eu sempre os tomava como ficção, como se essas histórias nunca tivessem acontecido. Só recentemente aprendi que esse não é realmente o caso. Dito isso, eu sempre fiquei confuso sobre qual era o propósito de um mito. Qual é o propósito dos escritos, ou por que os egípcios usariam tais histórias? Dr. Craig: Essa é a pergunta perfeita a fazer! E a resposta é que o propósito é etiológico. É fundamentar realidades presentes em uma cultura nessas raízes pré-históricas. Essa é a função que os mitos desempenham. Então, por exemplo, no recente livro de John Collins *Reading Genesis Well*, Collins não diria que o gênero de Gênesis 1-11 é mito. Ele diria que o gênero é narrativa em prosa. Mas ele diria que sua função é mito. Eles funcionam como mitos na cultura israelita para fundamentar realidades presentes no passado pré-histórico, na história primeva de Gênesis 1-11. Aluno: Uma das coisas em que eu estava pensando enquanto falávamos sobre esta diferenciação do mito é a obra que os autores que faziam parte dos Inklings realizaram em termos de reabilitar o conceito de mito.

Dr. Craig: Você pode explicar à classe quem eram os Inklings? Aluno: Os Inklings eram o grupo não oficial de escritores em Oxford, Inglaterra, que era composto por pessoas como C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien, Dorothy Sayers, e outros amantes cristãos da mitologia e de contos de fadas e coisas assim, com pensamento semelhante. Eu queria ler uma citação de J. R. R. Tolkien na qual eu estava pensando, que acabei de abrir, em que, numa carta a seu filho, ele disse: É claro, não quero dizer que os Evangelhos contam o que é apenas uma história de fadas, mas o que quero dizer com muita força é que eles de fato contam uma história de fadas – a maior. O homem, o contador de histórias, teria de ser redimido de uma maneira consonante com sua natureza por uma história comovente. Mas, visto que o autor dela é o artista supremo e o autor da realidade, esta também foi feita para ser verdadeira no plano primário.

Então, basicamente, o pensamento de Tolkien e Lewis – e esta foi uma das coisas que levou Lewis a se tornar cristão – era que isso era basicamente a escrita de Deus desta história – o que está acontecendo ao longo da Bíblia, mas principalmente nos Evangelhos – é o trazer à realidade o que todos os mitos queriam. Criamos esses mitos porque isso é o que queríamos o tempo todo – esse tipo de história redentora. O artista supremo, Deus, trouxe à realidade um mito verdadeiro. Então Lewis o chamou de mito verdadeiro. Dr. Craig: Obrigado. Na citação que você leu, era, penso eu, evidente (ou deveria ter sido evidente para vocês) que aquilo que Tolkien estava chamando de histórias de fadas ou contos de fadas era realmente mito, ao passo que tentei diferenciar entre estes de acordo com os estudos atuais de contos populares. Aluno: Quando ele diz conto de fadas, ele quer dizer como uma história lendária, mito. Qualquer um desses termos, eles basicamente os estão usando para dizer a consciência de contar histórias nas pessoas, que é mitopoética por natureza. Dr. Craig: OK, obrigado.

Aluno: Não teria ainda de ser admitido porém, que mesmo que você acreditasse em um mito, ainda teria de haver algum elemento dele que não é literalmente verdadeiro? Dr. Craig: Essa é uma pergunta futura que precisaremos explorar, não é? Primeiro queremos perguntar qual é o gênero, e depois perguntaremos como as sociedades entendem seus mitos? Elas os tomam como verdade literal ou figurativamente? Está claro que elas acreditam neles. Elas pensam que eles incorporam verdades profundas, mas então essa é uma questão adicional que precisa ser explorada. Aluno: Eu me pergunto se há cruzamento entre estes, ou se eles são distintos uns dos outros? Talvez eu esteja usando “lenda” de modo inadequado aqui, mas há talvez um ponto em que uma figura lendária (pense em Moisés, digamos) que é uma figura histórica real, mas que é tão famosa ou reverenciada que talvez coisas que não são verdadeiras sobre ela possam surgir e ela se torne um arquétipo para coisas por vir e, assim, entre no domínio do mito? Dr. Craig: Isso é muito discutido entre os teóricos do mito.

Muitos dos antigos filósofos gregos pensavam que os deuses ou heróis nesses mitos eram, na verdade, pessoas históricas em algum ponto do passado que, como você diz, tornaram-se, em certo sentido, mitologizadas, e realmente foram, em algum tempo, históricas. Acho, se minha memória me serve bem, que isso se chama “evemerismo.” Mas essa é uma visão que hoje é amplamente descartada. A linha entre lendas (que tratam de pessoas puramente humanas) e mitos seria bastante bem delimitada. O mais próximo de estar na fronteira seriam as histórias de heróis como Hércules e outros heróis gregos que eram parte homem-parte humano (têm um pai divino e uma mãe humana). Às vezes se disputa se devemos ou não chamar esses contos heroicos de “mitos.” Mas eles geralmente são classificados como mitos porque ainda envolvem

os deuses como figuras principais nas histórias. Aluno: Estou confuso. Acho que dizer que mitos poderiam ser verdadeiros presta um desserviço ao nosso uso da palavra “mitos.” Eu poderia dizer que a evolução é um mito?

Dr. Craig: Esta é uma pergunta realmente interessante porque vi certas pessoas dizerem que a evolução é uma espécie de mito contemporâneo que procura fundamentar realidades presentes (como as formas de vida que vemos hoje e nós mesmos) no passado pré-histórico primordial. Então ela de fato funciona como uma espécie de mito. Mas esse seria, novamente, o sentido de uma ideia arquetípica. Lembrem-se de que falei sobre o mito do nobre selvagem ou o mito do homem que se fez por si mesmo. Isso não é um mito no sentido em que o folclorista o está usando, quando ele está falando de composições literárias. Mas nesse sentido arquetípico, acho que se poderia apresentar um bom caso de que ela serve como uma espécie de equivalente moderno de um mito. Aluno: É antiga o suficiente. Eu sou velho. Eu me lembro dela quando eu era jovem, e ela me foi ensinada quando eu era jovem. Então tem de ser um mito antigo. [risos]

Gênesis e a questão da dependência literária

Para recapitular, mitos são narrativas sagradas que procuram explicar como o mundo e o homem vieram a ser em sua forma presente. Assim entendidos, Gênesis 1-11 claramente satisfazem esses critérios, penso eu. A história primeva de Gênesis 1-11 é uma narrativa tradicional e sagrada que procura ancorar realidades presentes para o autor pentateuical tais como o mundo, a humanidade, fenômenos naturais, práticas culturais e práticas religiosas predominantes, em um tempo primordial. Então, nesta definição Gênesis 1-11 pertenceria ao tipo literário do mito. Agora, a alegação aqui não é que Gênesis 1-11 deriva de mitos do antigo Oriente Próximo. Depois da descoberta e da publicação dos mitos babilônicos no final do século 19, muitos estudiosos do Antigo Testamento exageraram ao avaliar sua relevância para o relato de Gênesis. Surgiu entre os estudiosos do Antigo Testamento a escola pan-babilônica, que alegava que não apenas Gênesis mas até mesmo a mitologia grega derivava de mitos babilônicos. Hoje, porém, poucos estudiosos defendem a alegação de que Gênesis 1-11 se baseia em mitos pagãos. A única exceção seria a história do dilúvio na Epopeia de Gilgamesh neobabilônica.

A Epopeia de Gilgamesh evoluiu ao longo de milhares de anos, mas nas recensões mais recentes (a recensão neobabilônica), a Epopeia de Gilgamesh contém uma história de dilúvio que inclui um episódio sobre o sobrevivente do dilúvio soltando sucessivamente várias aves para ver se a terra seca havia aparecido e se era seguro sair do barco. Mas, mesmo aqui, a dependência direta de Gênesis em relação à Epopeia de Gilgamesh é muito difícil de provar porque o episódio sobre as aves foi acrescentado posteriormente à história de Gilgamesh, sendo atestado não antes de 750 a.C. 750 a.C. é o mais antigo que temos do episódio das aves incluído na história do dilúvio em Gilgamesh. Isso pode ser posterior ao surgimento das tradições bíblicas. As tradições bíblicas poderiam muito bem ser anteriores a isso. Um número excessivo de estudiosos do Antigo Testamento caiu presa daquilo que o estudioso do Novo Testamento Samuel Sandmel chamou de “paralelomania.” Samuel Sandmel, em um artigo muito famoso, “Paralelomania,” observou que, para estabelecer as alegações de dependência que esses críticos queriam fazer, eles precisariam estabelecer três alegações subsidiárias.

Primeiro, teriam de provar que os textos realmente são paralelos – que há um paralelo genuíno entre o texto bíblico e esses textos. Em segundo lugar, teriam de mostrar que os paralelos devem ser explicados por uma conexão causal entre os textos – que os textos estão causalmente vinculados. Em terceiro lugar, precisariam mostrar que a conexão causal é assimétrica – isto é, que a influência causal correu em apenas uma direção (neste caso, dos textos babilônicos para o texto bíblico). Fazer isso é extraordinariamente difícil. Concentrar-se em semelhanças isoladas entre textos corre o risco de seleção tendenciosa. Para dar uma ilustração de seleção tendenciosa, todos nós sabemos do terrível desastre que ocorreu quando um avião de passageiros a caminho de Massachusetts para Nova York colidiu com um dos edifícios mais altos de Nova York entre o 77º e o 85º andares pouco depois das 9h da manhã, incendiando-o e resultando na perda de todos a bordo e de muitos trabalhadores de escritório. Os ataques terroristas de 11 de setembro? Não! Antes, a colisão de um B-25 contra o Empire State Building em 28 de julho de 1945.

Selecionando tendenciosamente detalhes, pode-se criar a ilusão de paralelismo quando, de fato, nenhum realmente existe. Penso que Miller e Soden são culpados exatamente desse tipo de seleção tendenciosa. Considerem sua alegação mais importante sobre os estados primordiais serem um caos aquoso escuro tanto em Gênesis quanto nos mitos egípcios. Como o estado primordial é descrito no primeiro capítulo de Gênesis? Gênesis 1.2 afirma: “A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre as águas.” Alega-se que isso se assemelha ao estado primordial nos mitos egípcios. Certamente estou aberto a seguir a evidência aonde ela conduzir, mas devo dizer que penso que Miller e Soden foram muito descuidados ao traçar supostos paralelos entre Gênesis 1.2 e os mitos egípcios da criação. Agora, antes de explicar por quê, deixem-me perguntar se há alguma questão ou discussão neste ponto.

Discussão e encerramento

Aluno: Se o dilúvio antecedeu a Torre de Babel, certo? Dr. Craig: Você quer dizer na narrativa? Aluno: Sim. Estou me perguntando como os egípcios teriam uma história do dilúvio? Esta não é realmente uma pergunta plenamente desenvolvida, mas os egípcios tinham uma história do dilúvio separada, e até mesmo os babilônios têm uma história do dilúvio. Se eles não eram culturas naquele tempo...? Noé e sua família foram os únicos sobreviventes do dilúvio – o dilúvio mundial. Dr. Craig: Não tenho certeza de que entendo a pergunta. Aluno: Como essas narrativas separadas que os egípcios têm de um dilúvio... Dr. Craig: Os babilônios, você quer dizer. Aluno: Desculpe, os babilônios neste caso. Como os babilônios tinham uma narrativa do mesmo dilúvio se eles ainda não eram os babilônios, se isso faz sentido? Dr. Craig: OK, você está fazendo uma pergunta histórica ao passo que eu estou fazendo uma pergunta literária. O que estamos perguntando é: há uma dependência literária do relato de Gênesis sobre o dilúvio em relação a essas histórias babilônicas de dilúvio? Essa é uma história literária. Essa é uma pergunta totalmente diferente de perguntar de onde os babilônios tiraram essa história?

Você poderia dizer que eles simplesmente a inventaram – é apenas um mito que eles inventaram para explicar realidades presentes em sua sociedade, e isso foi copiado por outras culturas, incluindo a cultura israelita. Ou você poderia dizer, como alguns fazem, que isso remonta a uma memória de um evento de dilúvio muito antigo que foi então posteriormente transmitido e lembrado na tradição babilônica e talvez independentemente na tradição bíblica.

Como digo, a semelhança mais próxima da história bíblica com a história babilônica é este episódio sobre as aves sendo soltas para encontrar a terra seca. Isso não aparece na Epopeia de Gilgamesh original. De fato, a Epopeia original não tem nenhuma história de dilúvio. A história do dilúvio é incorporada mais tarde, e então o episódio das aves é incorporado ainda mais tarde. Ele é atestado não antes de 750 a.C. Bem, àquela altura, pode muito bem ser que essa história já estivesse presente no antigo Israel e talvez não tenha derivado dessas narrativas babilônicas. Então, neste ponto, não estamos fazendo a pergunta histórica; estamos apenas fazendo uma pergunta literária.

E estou apenas informando vocês de que a opinião amplamente majoritária hoje é que não há dependência literária de Gênesis 1-11 em relação a esses mitos pagãos, com a possível exceção desta história do dilúvio na Epopeia de Gilgamesh. O que isso significaria é que o relato da criação em Gênesis 1 (que é o nosso foco) é independente dos mitos babilônicos e egípcios da criação. Aluno: Você falou sobre os três critérios que são necessários para mostrar dependência. Poderia dar um exemplo de dois documentos que satisfazem esses critérios? Dr. Craig: Oh, meu Deus! Bem, vamos pensar apenas na história do dilúvio e no episódio das aves. A alegação aqui seria que essas histórias são de fato paralelas. Na história bíblica, Noé solta primeiro um corvo e depois solta uma pomba três vezes sucessivas. Então são duas aves – primeiro o corvo e depois a pomba três vezes. Na história babilônica, Utnapishtim, o equivalente de Noé, solta três aves. Ele solta uma pomba, depois uma andorinha e, por último, um corvo. Então você tem semelhanças aí, mas também diferenças, não tem?

Então as semelhanças levaram muitos estudiosos a dizer que parece haver algum tipo de dependência aqui – que há algum tipo de relação. O segundo fator seria que há uma conexão causal entre elas – não apenas que são semelhantes, mas que há uma conexão causal. Aqui muitos estudiosos diriam que elas são tão semelhantes – a ideia de que há um dilúvio, há um barco, há um sobrevivente do dilúvio que solta aves para encontrar a terra seca – estas são tão próximas que precisa haver algum tipo de conexão causal entre elas. Isso não poderia ser apenas por acaso. E então o terceiro fator seria que é em uma única direção. E isso é muito difícil de mostrar. Como você sabe que estas não são narrativas independentes de alguma tradição anterior que surgiram independentemente uma da outra? Ou, como você sabe com certeza que o relato bíblico não influenciou a história babilônica? Isso poderia parecer absurdo, exceto quando você pensa que durante o reinado de Salomão por volta de 950 a.C. você tem uma potência cultural muito significativa em Israel que tinha comércio com a Mesopotâmia, tinha embarcações oceânicas e tinha influência cultural.

Não é impossível que algum escriba ou mercador babilônico tenha ouvido a história de tradições israelitas e a incorporado ao relato de Gilgamesh relativamente tarde em sua evolução. Isso seria apenas uma ilustração da dificuldade e de como alguém poderia proceder ao tentar mostrar dependência literária. O ponto de Sandmel era que, com demasiada frequência, os estudiosos parecem ser afligidos por essa paralelomania em que traçam esses paralelos sem realmente mostrar essas três características das narrativas. Aluno: Eu estava apenas me perguntando se havia quaisquer detalhes específicos no relato de Gênesis, em Gênesis 1 e 2, que desafiariam a paralelomania que parecia estar estranhamente ausente das pessoas que dizem que eles se assemelham estreitamente a essas mitologias? Algo como criação ex nihilo ou algo assim? Dr. Craig: O fato de haver ausência de divindades é talvez o mais

impressionante. Você não tem nenhuma teogonia. Você não tem nenhum combate primordial entre os deuses. É uma história monoteísta com um Deus transcendente que é completamente soberano e diferenciado da natureza. Nesse sentido, é muito, muito diferente.

Agora, Miller e Soden reconheceram essas diferenças, mas dizem: Mas olhe para a semelhança entre o caos aquoso escuro que figura em ambos esses mitos. Agora, para nos trazer de volta ao assunto, é isso que quero desafiar. Não penso que eles tenham analisado a situação com cuidado suficiente para mostrar que esses elementos da história realmente são paralelos. Aluno: Há duas coisas sobre as quais eu queria buscar sua opinião. A primeira é que a história antiga chinesa de fato combinou o histórico e o literário juntos, porque enquanto tentam documentar o que é importante, eles desenham figuras. E essas figuras se tornam o significado de sua literatura na forma de caractere. Então pode não haver literatura falando sobre a história de Gênesis, mas o caractere em si revela a história de Gênesis em muitos, muitos fatos. A razão pela qual colocam uma mulher diante das duas árvores – isso é ganância. Ou a revelação diante de duas árvores, isso é revelação. Todos os tipos de coisas como essa, eles as compõem e as incorporam no caractere chinês. Dr. Craig: Se eu puder interromper, embora eu entenda que esse seja o caso com o chinês, não é o mesmo com o hebraico.

O hebraico não é uma língua pictorial. Ali os caracteres não são figuras de coisas como no chinês. Aluno: Certo. A segunda coisa é que depois da Torre de Babel surgiram diferentes culturas. Podemos pensar nos três filhos de Noé e nele mesmo. Eles começaram diferentes ramos de pessoas. E, ao longo do tempo, os netos – a descendência – começam a perguntar para rastrear o que aconteceu no tempo antigo, e há pelo menos quatro interpretações diferentes. Mas então todas elas são consolidadas em algum tipo de impressão que é transmitida ao longo da linhagem. Então podemos dizer que é assim que cada pessoa registrou o detalhe de uma forma um pouco diferente e, ainda assim, todas elas meio que têm o mesmo grande fenômeno. Dr. Craig: Isto está abordando a pergunta histórica que foi levantada anteriormente. Vou simplesmente deixar isso de lado, pelo menos por agora, porque isso não é pertinente à pergunta que estamos fazendo neste momento. Então simplesmente deixaremos isso de lado.

O que faremos da próxima vez é que quero sugerir duas razões quanto a por que deveríamos ser céticos quanto à alegação de Miller e Soden de que há paralelos significativos entre Gênesis 1 e esses mitos egípcios da criação de modo a mostrar algum tipo de conexão causal entre eles. Isso será na próxima semana. Vamos encerrar hoje com uma palavra de oração. Pai, nós te agradecemos que como pessoas inteligentes com mentes racionais, podemos pensar seriamente sobre essas questões difíceis e refletir sobre elas. E oramos para que essas reflexões sejam úteis para nós nesta classe. Senhor, agora, ao entrarmos em nossa semana, oramos para que nos guies e nos enchas com o teu Espírito Santo e nos ajudes a te glorificar em tudo o que pensamos, fazemos e dizemos. Por Jesus Cristo, nosso Senhor, oramos. Amém.

Referências

J. W. Rogerson, 'Slippery Words: Myth', em *Sacred Narrative: Readings in the Theory of Myth*, organização de Alan Dundes (Berkeley: University of California Press, 1984), p. 66.

Alan Dundes, comentários introdutórios a William Bascom, 'The Forms of Folklore: Prose Narratives', em *Sacred Narrative*, p. 5.

Samuel Sandmel, 'Parallelomania', *Journal of Biblical Literature* 81/1 (1962), p. 1-13.

Exemplo do acidente de 1945: https://en.wikipedia.org/wiki/1945_Empire_State_Building_B-25_crash. Na fonte original, Craig credita o exemplo a Michael Licona.

C. John Collins, *Reading Genesis Well: Navigating History, Poetry, Science, and Truth in Genesis 1-11* (Grand Rapids: Zondervan, 2018). Referência acrescentada pela equipe Fé Razoável.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-11/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-11/>